

A POÉTICA SINCRÉTICA DE HORÁCIO DÍDIMO

André Araújo do Nascimento

Uma breve introdução

Este artigo teve como principal motivação tratar de assuntos que me perseguiram durante toda minha vida acadêmica no final dos anos 1990: o reconhecimento da nova Literatura do Ceará. A minha paixão começa exatamente quando eu era aluno da Universidade Federal do Ceará, berço, inclusive, dos grandes Grupos literários do século XX, como CLÃ, SIN, SIRIARA, PLURAL, ROSA LITERÁRIA, dentre tantos espalhados pelo estado.

Mas faltava muita coisa, existia lacunas enormes, as disciplinas de “cearense 1 e 2” não eram ofertadas com frequência, e ficávamos mais órfãos ainda, reduzidos a estudos particulares de alguns interessados. Já nos anos 2000 a mesma UFC, nos seus vestibulares, inicia uma espetacular descoberta dos nossos autores, a publicação pela Edições UFC de obras de grandes nomes e de grupos que fizeram parte a recente história literária no Ceará, sendo cobradas nos exames fez com que jovens descobrissem José Alcides Pinto com *Verdes Abutres da Colina*, Horácio Dídimo com *A palavra e A PALAVRA*, Linhares Filho e o espetacular *Notícias de Bordo*, João Clímaco Bezerra e o seu autêntico romance *A Vinha dos Esquecidos*, Patativa em *Os cordéis e Outros Poemas*.

Com o surgimento do ENEM (e vou logo dizendo: A culpa não é desse Exame) a Literatura Cearense não é pauta nas escolas, não há discussão, os alunos não conhecem e isso faz com que fiquemos ainda em um campo restrito ao acadêmico.

No entanto, enquanto houver Horácio Dídimo, assunto primordial de nossa obra, haverá esperança e como a Literatura é eterna, nossa esperança também será. Neste caso, aqui abriremos uma discussão sobre um dos grupos mais significativos nos limites finais dos anos 60, o SIN, além da relação com o poeta Horácio Dídimo, que integrou este em sua

curta existência. Mergulhemos, então, neste magnífico momento de nossa adorável Literatura.

1. Para começar, os anos de 1960

Os anos 60 nos reservaram grandes manifestações artísticas, seja na música, artes plásticas, literatura, cinema, cada uma dessas, manifestando todo caráter político e social que vivíamos nesse momento de repressão, censura, sobretudo na segunda metade dos anos 60, quando o golpe militar emerge levando ao poder o autoritarismo e a perseguição a artistas e movimentos que promoviam uma redescoberta das artes com ousadia e liberdade.

A rebeldia dos anos 60 terá seu ápice em 1968 quando diversos movimentos estudantis pelo globo tomam conta das ruas para contestar a sociedade vigente. É neste ano de 1968 que, no Brasil, o Ato Institucional número 5 (AI-5) é assinado, piorando muito o autoritarismo e as perseguições contra artistas dos mais diversos seguimentos. Neste momento a poesia do ‘desbunde’ acontece como uma reação de escapismo à opressão, em tom irônico. Seu maior divulgador foi o Pasquim, que reunia intelectuais como: Henfil, Paulo Francis, Ruy Castro, Ziraldo, e colaboradores como Chico Buarque e Rubem Fonseca. O Pasquim tinha uma luta sem tréguas contra a ditadura vigente.

Na sequência, surge o movimento chamado poesia marginal, que tem como destaque os poetas Cacaso, Torquato Neto, Chacal, Charles, Paulo Leminski e Ana Cristina César. Os poetas marginais tinham a preocupação com a expressão de questões sociais, além de fatos triviais e sentimentais. Por mais de duas décadas de repressão cultural no Brasil, a arte do protesto, tornou-se importante, bela e essencial. Durante os dez anos de vigência do AI-5 (1968-1978), cerca de 200 livros sofreram veto. Os critérios eram obscuros: cenas de sexo, palavrões e a sugestão de propaganda política eram as justificativas mais comuns, mas pretextos vagos, como “atentado à moral e aos bons costumes” e “conteúdo subversivo”, também eram usados.

1.1 Os anos 60 no Ceará

O crescimento populacional na cidade de Fortaleza nos anos de 1960 é um marco contínuo e expressivo por conta do processo migratório. O contingente de migrantes se aglomerava nos subúrbios junto às comunidades locais mais pobres, com limitadas possibilidades de sobrevivência e ocupações precárias. Em 1960 a cidade contava com 450 mil habitantes.

Fortaleza absorvia as migrações que chegavam dos mais variados pontos do Interior, levas populacionais que fugiam da seca e se acomodavam na periferia da Capital, semeando algumas favelas que temos hoje. Entre as décadas de 50 e 60, a população cresceu 66%, chegando a 514.818 moradores.

Ao longo dos anos 60, 70 e 80, vários escritores, poetas, artistas e intelectuais saíram em defesa da Democracia, desafiando a Ditadura Militar, transformando em arte a luta pela Liberdade. Alguns foram perseguidos e até presos. Mas nem o cárcere silenciou a voz, os versos e as palavras dos nossos artistas. Surgiram vários Movimentos de Resistência, dentro e fora das Universidades.

No final dos anos 60, em tempos de ditadura e repressão, um grupo de artistas frequentava eventos culturais na Faculdade de Arquitetura da UFC e se encontrava regularmente no Bar do Anísio, na avenida Beira-Mar, em frente à praia do Mucuripe. Lá, quase todas as noites, até o dia amanhecer, eles produziam música, poesia, teatro, compartilhando sonhos e canções.

Estavam ali os pioneiros Augusto Pontes, Petrúcio Maia, Rodger Rogério, Fausto Nilo, Belchior, Ednardo, Fagner, Brandão, Teti, Yeda Estergilda, esta última, junto com Roberto Pontes faz a ligação entre a música do que viria a ser o grupo Pessoal do Ceará e o Grupo SIN, que iremos tratar mais adiante com detalhes, segundo Fernanda Maria Diniz da Silva em *Mentalidade e Residualidade em Memória Corporal*, de Roberto Pontes, tese defendida em 2007:

Vale ressaltar que o Grupo SIN estendeu suas ideias para outras artes como teatro com as peças Canga e a

Crença no meu Padim, de Leão Júnior, dirigida pelo amor e A Prostituta Respeitosa, de Jean Paul Sartre, dirigida por Rogério Franklin de Lima. Na música, o Grupo manteve com o grupo contemporâneo Pessoal do Ceará, através de Yeda Estergilda e Roberto Pontes (DINIZ, 2007, p. 17).

A literatura cearense nesse período fortalece-se através do grupo SIN, sobretudo em oposição ao grupo anterior dos anos 1940 e 1950 o CLÃ, Clube de Literatura e Artes, que teve uma importância fundamental nas nossas artes, tendo nomes importantes como Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Fran Martins, abrindo uma nova espécie de levante artístico que se perpetuará até nos dias atuais, influenciado por autores ligados ao movimento regionalista do Modernismo dos anos de 1930, o CLÃ, sem dúvida motivará a criação do SIN, apesar dos seus contrários evidentes e na própria postura dos que compunham este.

2. Agora, com vocês, o Grupo SIN

Deveríamos começar conceituando o Grupo SIN e toda sua força artística, mas não faremos dessa maneira, vamos a alguns fatos marcantes que irão nos ajudar nessa grande tarefa de apresentar e relacionar com um dos participantes desse momento Horácio Dídimo.

Diferente de Adriano Espínola, que teve seu primeiro contato com o Grupo SIN no fatídico ano de 1968, eu tive o meu contato inicial 30 anos depois, quando fui aluno do professor de Teoria da Literatura Leão Alencar de Araripe Júnior, ou apenas Leão Júnior. Em uma aula ele soltou o nome SIN, referindo se a um grupo que ele tinha participado como teatrólogo e poeta, curioso, fui procurar saber mais sobre e encontrei uma antologia, pequena, lá estava alguns versos deste professor, que não quis se aprofundar muito sobre aquele momento, nem sobre o grupo, apenas disse: “tempos difíceis”.

A partir desse fato, percebe-se que não deve ter sido fácil realmente criar um grupo, dentro de uma Universidade, em pleno ano em que foi instaurado o AI-5, dentro dessa perspectiva devemos levar em consideração todo o contexto histórico, social, político que o Brasil vivia.

A relevância disso dar-se-á na observância do sincretismo dado ao movimento que será influenciado pelas questões sociais, além de tudo, também terá as várias tendências manifestadas naquele momento, que será ponto de intersecção na poética do próprio Dídimo. Diniz (2007) contextualiza esse momento:

O contexto histórico no qual nasceu o Grupo SIN não era propício a articulações de movimentos políticos; sociais e culturais. Naquele momento, o Brasil vivia uma ditadura militar de 64 e a censura era exercida com mão de ferro (DINIZ, 2007, p. 18).

O nome do Grupo deriva de sincretismo, palavra devida ao étimo grego *synkretismos* que é um “sistema filosófico que consiste em combinar as opiniões e os princípios de diversas escolas; mistura de opiniões combinadas para formar um sistema misto, eclético”. Diversidade temática, diferentes posturas estéticas, assimilação de processos e técnicas composicionais precedentes, incorporação de múltiplas linguagens artísticas disponíveis nas muitas linhas programáticas praticadas antes são, pois, o programa específico do Grupo.

A imprensa cearense noticiava esse momento com a estranheza, como acontece em todo e qualquer movimento que é novo, autêntico, criativo e sobremaneira contestador em sua essência, neste momento Horácio Dídimo, um sujeito baixinho e simpático (descrição de Adriano Espínola em seu artigo *Uma geração entre o SIN e o Não*) estava com o recém-lançado livro de poemas *Tijolo de Barro*.

A primeira publicação do Grupo SIN foi uma coletânea mimeografada tendo por título *Minisinantologia*, lançada a 24 de novembro de 1967, no encerramento do Curso de Literatura Brasileira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFC, da Prof^a Dr^a Lireda Facó. Em 13 de março de 1968 outro conjunto de poemas, de título *Minisinantologia II*, dedicado ao poeta Antônio Girão Barroso, foi lançada “na abertura do Curso de Estilística do Prof. Dr. Luís Tavares Junior. Tendo as publicações obtido sucesso, os participantes imprimiram a *SINantologia*, editada pela

Imprensa Universitária da UFC e lançada no Museu de Arte da UFC, a 20 de março de 1968, com novos poemas.

Constituído inicialmente por Horácio Dídimo, Linhares Filho, Rogério Bessa, Pedro Lyra e Roberto Pontes, o núcleo fundador, este ampliou-se com Barros Pinho, Yêda Estergilda, Leão Júnior, Rogério Franklin, Leda Maria, Inês Figueiredo e Barroso Gomes.

A poesia do SIN guarda elementos de sincretismo poético, assimila processos, técnicas e modos praticados pelos poetas brasileiros precedentes e a estes imprimem a fisionomia da Geração 60, em três segmentos de linguagem que caracterizam esta geração no Brasil: o discursivo, o experimental e o épico. O SIN demonstrou certa reação à poesia do Grupo Clã, que atuou em nosso estado, sobretudo no tocante ao alinhamento deste com o formalismo Neoparnasiano de 1945.

Nacionalmente, o sincretismo do grupo cearense estava fora da faixa em relação aos polêmicos grupos do eixo Rio/São Paulo, sobretudo dos concretistas paulistanos, e os conhecidos violeiros das ruas do Rio. Essas rixas para os cearenses não interessavam, mas sim o fenômeno poético maior desses artistas de reunir as múltiplas possibilidades de produção, sem bandear, necessariamente, para qualquer lado.

Assim, observamos o experimentalismo concretista e haicaísta, o minimalismo, a linha praxista, a perspectiva épica e romântica, o resgate formal, a espacialização semântica do verso, o lirismo, a temporalidade e até mesmo o telurismo. Neste horizonte, fica bem claro a diversificação deste grupo que, de certa forma, reuniu o que havia de mais significativo na poesia, não só naquele momento, como também nos dias que julgamos atuais.

3. Horácio Dídimo - sua poética do SINcretismo

Horácio Dídimo Pereira Barbosa Vieira nasceu em Fortaleza no dia 23 de março de 1935, filho de Dídimo Barbosa Vieira e Emir de Horácio Vieira. Estudou no Colégio Cearense e, vindo para o Rio de Janeiro, fez o curso de Direito da antiga Universidade do Estado da Guanabara, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba. Foi

advogado do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e chefe da Assessoria Jurídica da Secretaria de Viação, Obras, Minas e Energia do Estado do Ceará.

Professor do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará e pertencente ao grupo SIN, colaborou na SINantologia (1968), volume reunindo poemas dos participantes daquele movimento.

Desta maneira abrimos os trabalhos para falar deste grande nome da nossa literatura situada nos anos 60 e que até hoje nos dá orgulho de permeá-la por palavras. Obviamente, que iniciar com uma minibiografia é uma maneira fria e formal para com este artista que alcançou um cume poético em várias vertentes, possivelmente um dos mais sincréticos e virtuosos do grupo de 68.

Dividiremos, então, esta análise dialogal com o Grupo SIN, porém indicaremos como Horácio Dídimo ganhou notoriedade na poesia cearense e nacional passeando por movimentos e tendências que ainda ganham força no nosso cenário literário. Para alguns como Adriano Espínola em seu artigo “Uma geração entre o SIN e o Não de 1993, publicado na Revista de Letras, Horácio Dídimo é responsável pelas melhores obras poéticas brasileiras nos pelo menos últimos 50 anos (atualizando, claro):

Creio que a poesia de Horácio Dídimo, sobretudo a concentrada no livros *Tempo de Chuva* e *Tijolo de Barro*, representa um dos melhores momentos da lírica brasileira, nesses últimos anos, pelo seu caráter inventivo, antirretórico, combinando com um refinado humor e extrema capacidade de síntese (ESPÍNOLA, 1993).

Levando em consideração esse aparte do professor Adriano Espínola, vamos mergulhar um pouco mais na síntese do poeta, que tem nos seus versos, muitas vezes, micro, uma singularidade macro inigualável.

Pedro Lyra, contemporâneo de Horácio Dídimo e também integrante do SIN, divide a obra do poeta em seis vertentes principais, para ele, reveladoras de sua literatura. A saber: I- a experiência concretista, da qual já falamos no parágrafo anterior; II- a efabulação lendária, onde vemos a reinvenção das lendas clássicas (“o espelho mágico”); III- a

elocução proverbial, numa espécie de reelaboração dos provérbios populares, e também no tom proverbial em alguns poemas que não são em essência provérbios; IV- o poema em linha reta, poemas que semanticamente são constituídos apenas de um verso, mas estruturalmente não; V- o discursivo lírico, com poemas em que surge a realização de um ideal amoroso; VI- o discursivo social, em que o poeta aparece mais engajado em relação à realidade social do mundo e, portanto, à existência humana.

A divisão feita por Pedro Lyra é, de fato, bastante aplicativa, pois corresponde à essência dos poemas de Dídimo, neste caso, porém, não trilharemos essa divisão, no entanto procuraremos perceber alguns desses pontos que provam todo o sincretismo do nosso poeta de “Passarinho Carrancudo”.

Horácio Dídimo começou no Concretismo, aproveitando algumas de suas lições como forma de expressão, segundo Damasceno (2012), Dídimo, assim como os concretistas de São Paulo no período do “Salto Participante”, além de buscar abordar os impasses sociais através de sua poesia, também refletiu sobre a questão da modernização e da correria da vida na cidade.

O surgimento do Concretismo no Brasil em fins da década de 50 marcou também o reconhecimento de um novo paradigma literário, que até então tinha passado despercebido das contextualizações críticas de análise do Modernismo brasileiro. Com o Concretismo a literatura passou a ter uma vertente de análise formalista que considerava a evolução das formas poéticas como parâmetro de inventividade artística e estética.

Esse caráter experimental deste movimento, liderados pelo grupo Noigandres com nomes de peso como os irmãos Haroldo de Campos e Augusto de Campos, além de Décio Pignatari que diz: a poesia concreta, indo além da aplicação do processo tal como foi praticado por Pound, introduz no ideograma o espaço como elemento substitutivo da estrutura poética: desse modo, cria-se uma nova realidade, espaço-temporal. O ritmo tradicional, linear, é destruído” (“Poesia Concreta: Pequena Marcação Histórico-Formal”).

Horácio Dídimo aproxima-se desse movimento a partir de alguns poemas como “luz azul”:

Luz azul

l l l
u u u
z u z
l u z z u l
l u z a z u l
l u z z u l
z z z
u u u
l l l

(DIDIMO, Horácio. *A palavra e A PALAVRA*. 3ª. Edição. Fortaleza: Editora UFC, 2002)

Evidencia-se no poema a deslinearização do verso, acompanhada da consequente abolição dos rígidos processos de metrificação e de estruturação estrófica, com o fito de valorizar uma sintaxe topográfica, em que o espaço é aproveitado como elemento primordial na constituição do texto, o que mostra a filiação do poeta à esta tendência, além disto, é flagrante, no poema, a aposta concretista na concisão da mensagem e no efeito polissêmico daí decorrente, como meio de obter poemas que funcionam como verdadeiros ideogramas.

Observemos o poema “fumaça” para percebermos a desconstrução gráfica e a construção da imagem de uma decomposição:

a fumaça

cigarro

cigarr

cigar

ciga

cig

ci

c

cinza

Sarro

(DIDIMO, Horácio. *A palavra e A PALAVRA*. 3ª. Edição. Fortaleza: Editora UFC, 2002)

A figura construída na página, a partir da eliminação gradual das letras finais da palavra cigarro, até consumir os signos gráficos, para reduzi-los ao mínimo necessário para o desfecho ou resultado, como símile do objeto sendo lentamente consumido pelo fogo interno que o transforma em cinza, realiza uma das mais importantes conquistas da poesia concretista, ou seja, fazer o leitor ver as figuras saídas das palavras, mostrando que palavra não é apenas uma guardadora de significados, mas signo capaz de ser transformado através de suas potencialidades de significante e de suas significações.

As obras contempladas nesse trabalho de Dídimo são *tempo de chuva*, 1967; *tijolo de barro*, 1968; *O passarinho carrancudo*, 1980. Nestas obras o poeta mostra o ser em relação privilegiada com o sagrado e o transcendente. As emoções humanas mais íntimas se plenifica envolta de uma essência de fé profunda. Para o P.e F. Sadoc de Araújo autor da apresentação do livro *A palavra e a PALAVRA*, diz:

Embora distintas entre si, poesia e mística nascem do mesmo centro da alma e se alimentam do mesmo mistério da contemplação. A poesia e a alma interior das artes e a mística é a arte interior das almas. O conhecimento poético natural e o conhecimento místico sobre natural envolvem o mesmo objeto, mas enquanto o místico se recolhe no silêncio da contemplação interior, o poeta expressa na palavra a beleza

de sua subjetividade intuída criativamente no contato com o mundo sensível (p. 14, 15).

Observamos esse processo na composição de Dídimo quando no deparamos com o poema “o homem na cadeira de balanço” do livro *Tijolo de barro*, 1968:

O homem na cadeira de balanço

Precisamos criar juízo
Cumprir as determinações
E tomar enérgicas providências

Precisamos coibir abusos
Respeitar os sinais do tempo
E outras normas regulamentares

Precisamos ficar calados
Diante de certas coisas
Porque assim é melhor

Precisamos evitar as mãos magras das visitas
Os olhos noturnos dos gatos
E o apelo da verdade

(DIDIMO, Horácio. *Tijolo de Barro*. Fortaleza, Sin Edições, 1968.)

Aqui até nos aproximamos da vertente III (elocução proverbial) apontada por Pedro Lyra, cujo tom lembra as palavras atribuídas a Pitágoras: “Escuta e serás sábio”. O começo da sabedoria é o silêncio “*precisamos ficar calados/diante de certas coisas*”. Ao mesmo tempo na obra *A palavra e a PALAVRA*, a este poema é atribuída a passagem bíblica num tom intertextual – VÊ BEM SE A LUZ QUE HÁ EM TI NÃO É TREVA (Lc 11, 35), ou seja, a palavra do homem e a palavra Divina, remetendo-se a este mundo sensível e místico “*precisamos evitar as mãos magras das visitas/os olhos noturnos dos gatos/ e o apelo da verdade*”.

As referências bíblicas passam a fazer parte dos poemas de Horácio Dídimo, não apenas como marcas de uma intertextualidade ilustrativa, mas como marcas místicas. A profissão de fé se faz em dupla

dimensão: pela poesia e pelas convicções íntimas de feição teológico-existencial. Através deste experimento, saído do convívio de textos amadurecidos pela luta com a palavra e com A PALAVRA, a poesia de Horácio Dídimo apresenta uma conjunção discursiva de modo a proporcionar ao leitor a oportunidade de ver e de ouvir um dos mais corajosos e audaciosos diálogos da poesia contemporânea, expondo a FÉ em suas mais profundas dimensões.

O poeta em apreço, embora estabeleça em sua poesia uma explícita preferência ou decisão pela concretude, mantém-se atento à materialidade circunstancial da vida, à dualidade tempo e esquecimento não como visões antitéticas; a primeira, relativa à permanência e a segunda, à passagem, à efemeridade da vida. Tempo e esquecimento conjugam-se tematicamente na luta pelo despojamento do indivíduo, das prisões e constrangimentos de uma sociedade, cujos padrões de vida são escolhidos pela ilusão do poder e do ter, em detrimento da interioridade humana, de seus anseios e sonhos de maior autenticidade, o lirismo acompanha nesse processo composicional.

Apesar de apresentar o lado difícil de uma realidade de opressões, também demonstra certo otimismo em sua poesia. Isto pode ser comprovado nesse curto, mas significativo poema:

longa espera

noite

noite noite noite noite noite

manhã de sol

Em “longa espera”, apesar da utilização de poucos vocábulos, apenas três (noite, manhã, de sol), percebe-se uma carga poética muito forte. O primeiro “noite” denota o início de uma longa e difícil caminhada. O segundo verso, composto por cinco vocábulos “noite” seguidos, transmite a sensação da longa espera. E, por fim, o desencadeamento dessa longa espera em uma *manhã de sol*. Este é um poema bem característico de Horácio Dídimo, devido à contenção de palavras e devido à capacidade de dizer tanto com tamanha simplicidade.

O tempo é uma recorrência geral em sua poética. O fato é que a lírica está em constante relação com o tempo e isto tem sempre algum significado, como coloca Miranda, 2012 no ensaio “O elemento temporal em Horácio Dídimo”: “O tempo é uma recorrência geral em sua poética. (...) a depender de como se encara o tempo, duas atitudes: passividade, se o tempo parece pouco, ou enfrentamento, se ainda há tempo para aprender à luz da Palavra.”

Outro ponto da poética de Dídimo está na literatura infantil, esta tem uma relevância pontual em sua obra., o discurso infantil, ou a efabulação lendária, que melhor define o autor de Tempo de Chuva, não há dúvida HD é o poeta cearense que mais se dedicou à literatura infantil. Este trabalho traduz o ensaísta e o poeta numa só pele, percebemos, por exemplo, esta amálgama em *Reflexões de um Passarinho Carrancudo*, ensaio de 1982 para Revista de Letras, a tentativa de realizar as funções da literatura infantil a partir das funções da linguagem, neste ensaio ele diz que forma um jogo lúdico e didático responsável pela alegria e pela verdade da literatura:

Se o paletó do poema não fosse tecido com sete fios melódicos e multicores da poesia de nada ele serviria, o fio vermelho lúdico da dó, o fio alaranjado-catártico do ré, o fio amarelo-pragmático do mi, o fio verde-metaliterário do fá, o fio azul-cognitivo do sol, o fio anil-sinfônico do lá, o fio violeta-humanização do si (DÍDIMO, 1982).

Essas funções no texto literário garantem o compromisso que deve destacar a produção de um escritor ciente de seu papel no processo de aperfeiçoar as relações entre os homens, para ele a literatura exige um campo literário ético. Por isso mesmo, a poesia que envolve a criança deve ser generosa, sem reticências morais ou fins especulativos. Íntegra, sem restrições, capaz de provocar as mais diversas correntes em sua alma, poderosa como atividade sugestionante, capaz de ditar, sem a isso se propor, a grande lição ao coração, a grande lição de beleza e justiça humana.

Assim, o poeta descobriu a esperança e a alegria nas obras e os títulos *O passarinho carrancudo*, *Histórias do mestre Jabuti*, *Festa no*

mercadinho e As reinações do rei. E como ele diz em entrevista ao jornal *O Povo* em 2012: “Na verdade são caminhos paralelos que eu não consigo distinguir. A minha literatura, o meu ensaio, a minha poesia têm muito de literatura infantil”, no poema “o papagaio” do livro *Passarinho Carrancudo*, 1980, observamos o espelho dessa afirmação:

O papagaio

Não basta o poema cacto

Nem o soneto azul

Nem a palavra concreta

Nem tampouco o pensamento de um passado

Onomatopaico

(DIDIMO, Horácio. *Passarinho Carrancudo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1980.)

Com o propósito imagético e aliado a sua conservação dos elementos textuais fundamentais para sua configuração discursiva: o verso, a metáfora, a quebra da logicidade, a musicalidade, a repetição, a sonoridade, entre outros traços que asseguram à sua poesia os vínculos necessários com a tradição da Poesia infantil. A esses elementos vem juntar-se a proposta horaciana do poema curto, mínimo, que trabalha com o que é exclusivamente necessário, portanto, sintético, reduz o verso a sintagmas indispensáveis e a estrofação organiza-se dentro da precisão do poema.

Para Dídimo os objetivos da literatura infantil seriam o desenvolvimento da criatividade, da maturidade, da solidariedade, do conhecimento, da sensibilidade, do discernimento, da simplicidade, que são os ingredientes que fazem um bom livro de literatura infantil. Segundo ele:

Agora, as funções da literatura infantil mesmo são aquelas que se relacionam com esses objetivos, que são propriamente divertir, emocionar, educar, conscientizar, instruir, integrar, libertar. Eu cheguei ao estudo dessas funções através do estudo das funções da literatura em geral e das funções da própria linguagem. (...) Meu contato com a literatura infantil foi através do Monteiro Lobato. Quando eu era criança, meus pais me davam de presente os livros do

Monteiro Lobato à medida que eles iam sendo publicados. Acompanhei a publicação de muitas obras dele e até Os 12 trabalhos de Hércules que é a publicação que está no final de sua obra”. E me lembro que eu vinha do Colégio Cearense, onde estudava, quando ouvi no rádio, em 1948, a morte do Monteiro Lobato. Foi um choque pra mim porque foi como se tivesse perdido alguém da família. Então desde esse tempo que tenho ligação com a literatura infantil e principalmente com Monteiro Lobato (*O Povo*, 2012).

Essas metatextualizações que correspondem aos personagens criarem outros personagens, o contador de uma história contar outras histórias, os personagens criarem suas próprias histórias. E isso aparece também na literatura infantil, defendida por Horácio Dídimo, através da extratextualização, pessoas reais transformadas em personagens dos livros, do mesmo modo que o Lobato fez com relação a La Fontaine, a Esopo, que se transformaram em personagens. Neste caso a literatura infantil atual de HD também se utiliza desses processos.

Considerações Finais

A compreensão da importância do grupo SIN para o cenário da literatura cearense e a obra sincrética de Horácio Dídimo são fundamentais para entendermos todo o legado da poesia feita em território Alencarino na atualidade.

Procuramos perceber no contexto histórico e social os anos 60 e a influência dos movimentos da época que deram o princípio básico do sincretismo, ou seja, a mistura de tendências. Horácio Dídimo harmonizou os poemas concretos com poemas de versos livres, mais próximos do modernismo, sua obra é marcada pela alternância da palavra concreta e abstrata. O poeta percebe que as palavras invadem uma privacidade entre o místico e a materialidade, polindo-as, permitindo a composição de diferentes formas, inclusive as mais tradicionais.

A marca da Literatura de Dídimo inevitavelmente está no universo infantil, segundo ele: “A literatura infantil, para mim, não é um gênero

literário, mas um modo de fazer poesia”, neste interim a literatura feita para crianças é recheada de uma musicalidade poética contagiante, para isto Horácio denomina “noemas”, os poemas do pensamento. O assunto preferido de Horácio Dídimo, no entanto, é imutável desde a década de 1940 consolidada pelas leituras Lobatianas.

A presença do grupo SIN é o ponto de intersecção nesse projeto poético do poeta de *Tempo de Chuva*, a mutabilidade e a espontaneidade confirmam esse encontro no final dos anos 60 e toda sua turbulência política. Mesmo com a brevidade do grupo a inclusão da transitoriedade de nossos contratempos, grandes ou pequenos, em face do evoluir inevitável dos anos; isso dito da maneira mais original e inusitada. Horácio promete seguir escrevendo “até quando der”, tentando encantar adultos e crianças com poesia e simplicidade.

Referências

Antologia Poética. Academia Cearense de Letras. Fortaleza, 1994.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DAMASCENO, Kedma Janaína Freitas. A Vanguarda Concretista no Contexto da Literatura Cearense. Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de Literatura Comparada, da UFC, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada. Área de concentração: Literatura Comparada. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Irenísia Torres de Oliveira. Fortaleza, 2012.

DIDIMO, Horácio. *A palavra e A PALAVRA*. 3^a. Edição. Fortaleza: Editora UFC, 2002

_____. *O canto do Passarinho carrancudo*. Parceria com Elvira Drummond. Revista de Letras. Fortaleza, v. 14, 1989.

_____. *Passarinho Carrancudo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1980.

_____. *Tempo de Chuva*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967.

_____. *Tijolo de Barro*. Fortaleza: Sin Edições, 1968.

ESPÍNOLA, Adriano. “Literatura no Ceará”. In: *Diário do Nordeste-DN Cultura*. Fortaleza, 16 de janeiro de 1983.

_____. “Uma geração entre o SIN e o NÃO”. In: *Revista de Letras da Universidade Federal do Ceará*. jan.1990/dez. 1993.

LIMA, Batista de. Horácio Dídimo, o afinador de Palavras. In: *O fio e a meada: ensaios de literatura cearense*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2000.

LIMA, Manoel Ricardo de. O poeta que gosta de nomes. *O Povo, Vida & Arte*: Fortaleza, 25 de março de 1998.

LYRA, Pedro. *Sincretismo: A poesia da Geração de 60* (Introdução e antologia). Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MARQUES, Rodrigo. *Palestra semana de Letras UFC*, Fortaleza - CE, dia 23 de janeiro de 2003.

SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Tradição e Modernidade na Produção Poética de Roberto Pontes*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras. Orientadora: Professora Doutora Elizabeth Dias Martins. Fortaleza, 2017.

_____. *Mentalidade Residual em Memória Corporal, de Roberto Pontes*. Dissertação apresentada ao departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007